

Comunicação e Cultura: Uma abordagem

Eugênio dos Santos

Estudos em Homenagem a Luís António de Oliveira Ramos
Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2004, p. 957-963

Comunicação e Cultura: Uma abordagem

Eugênio dos Santos *

Comunicar é uma característica intrínseca do homem, uma vez que ele só pode transformar-se num ser político, como queria Aristóteles, na medida em que vive em associação com os outros, isto é, partilha com eles bens e valores comuns. Assim, os termos do binómio Comunicação e Cultura parecem naturalmente solidários e indiscutíveis. Contudo, a problemática que lhes subjaz apresenta-se mais complexa do que aquilo que pareceria, à primeira vista. Acerquemo-nos, pois, dela.

É sabido que o termo comunicação é polissémico, revestindo-se de cambiantes diversas, em função de quem o usa. Aqui, ao utilizá-lo, consideramo-lo sinónimo de "mass media" ou simplesmente "media" no sentido que hoje lhe é universalmente atribuído, como meios de informação.

Poderíamos começar por nos interrogar sobre o sentido exacto da expressão *meios de informação*: o que quer ele significar? Trata-se de meios, no sentido de veículos de informação ou, de preferência, dos conteúdos que eles próprios veiculam? A questão não é ociosa, porque, segundo McLuhan, "medium is the message". Assim sendo, qual é o papel da Escola Tradicional neste mundo partilhado e invadido pela rádio, pela televisão, pela informática? É que hoje há a convicção, muito generalizada, de que saber é poder: indivíduos e colectividades são por este condicionados, através dele nós consideramos umas culturas superiores às outras e até classificamos sociedades e países em escalas valorativas. O poder da comunicação parece, pois, indiscutível. Assim sendo, pode também parecer exequível resolver alguns problemas de transmissão e de distribuição do saber graças aos media. Mas não tem sido essa a experiência. Não deixa de ser estranho constatar que, ao longo do século XX, tanto a escola, como os meios de comunicação, têm, por vezes, tentado entender-se, mas os resultados não se apresentam como animadores. Embora haja cadeias de televisão que se dizem de cultura, programas de rádio que pretendem atingir uma camada erudita da população e jornais inteiros, ou então, algumas páginas deles dedicados à cultura, sendo o seu objectivo "informar, educar, cultivar", o certo é que há diferenças muito sensíveis entre elas.

Para os "media" de massa a informação tenta captar o imediato, o agora, o fugaz, enquanto à escola ficaria reservado o passado. A rivalidade entre uma e outra seriam visíveis, ainda, na abordagem que os meios de comunicação fazem de temas ou problemas que a educação tradicional desprezou. A escola e os "media" constituiriam, pois, géneros distintos, como o masculino (a escola) e o feminino (a comunicação universal).

Estas duas realidades diversas, uma rotulando-se como a "sociedade do saber" e a outra a "sociedade dos media de comunicação", embora reivindicando para si próprias objectivos similares, recusavam-se mutuamente, quer de forma explícita, quer implícita. A escola considerou, praticamente até hoje, os "media" de massa como algo de estranho, olhado como corrente e, ainda por cima, desdenhado. É que muitos dos seus agentes e responsáveis nem sequer eram antigos académicos, representavam uma espécie de cultura paralela à da escola e a sua formação específica era considerada, ou indiferenciada, ou empírica e básica. Daí o longo período de recusa e de desdém da escola face aos "media", retirando a estes toda a dignidade cultural. Algo começou, contudo, a mudar com a telescola,

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DH.

com o ensino à distância, com as universidades abertas e, sobretudo, com a internet.

A razão profunda desta mudança colectiva de atitude deve-se ao facto de se ter percebido, de forma cada vez mais nítida, que a imagem teve (e terá sempre) na cultura humana tanto impacto como a linguagem articulada ou escrita e que, portanto, ela é tão antiga como as nossas raízes culturais. Que as imagens parecem adequar-se mais às disciplinas descritivas parece evidente, assim como a sensibilidade ao som, o ouvido fiel, podem favorecer a aprendizagem das línguas, por exemplo. Portanto, não se estranhará que os chamados audio-visuais possam ser mais facilmente usados nas escolas por serem fáceis de manipular e controlar e os media exerçam uma influência constante, fora da escola, perdurando o seu prestígio e fascínio ao longo de todas as fases da vida: a escola para os jovens, os media para todos. O citado autor McLuhan chegou a afirmar que, quando uma criança se desligava da televisão por ter que ir à escola, não podia senão regressar ao ponto de partida. Ora isso provocou a indignação dos professores que clamaram bem alto que a escola funciona como um antídoto contra uma televisão ou uma informática incapazes de trazer (ou impor) ordem nos espíritos, pervertendo-os até pelas cenas de violência, de sexo, de dissolução moral e humana que, por vezes, patenteiam. Talvez para desespero de muitos professores e até de homens de cultura não podemos esquecer o que já referimos: cada vez mais a humanidade se arrisca a constatar que saber pode coincidir com certa forma de poder. Nas sociedades modernas a lei do mais forte implica, em grande parte, o acesso imediato ao saber, isto é, à apropriação de dados acumulados. Aqui reside, aliás, o fascínio da informática, cuja utilização pode não se revelar consentânea com os valores e com os modelos que a escola tradicional postula como seus: a reflexão crítica, a abstracção, a neutralidade e a tolerância. Mais uma vez os "mass" media, a escola e os seus responsáveis podem trilhar vias antagónicas. Daí, a nosso ver, as desconfianças, as reservas, os mútuos mal entendidos.

Para além deste clima de suspeição que existiu (não se notará ele ainda?) entre a cultura típica da instituição escolar e aquela que os "media" nos debitam constantemente, haverá ainda que considerar que a crescente opulência comunicacional provocou uma ruptura na lei da proxémica. Segundo esta, os indivíduos interessar-se-iam tanto mais pelas coisas ou acontecimentos, quanto mais próximos deles se situavam, seja no espaço, seja no tempo. As sociedades humanas aceitaram sempre como um dado indiscutível que aquilo que está mais longe perdeu a sua importância relativamente ao que está mais próximo. Contudo, essa perspectiva mudou, alterando-se a tal lei da proxémica (todos temos ainda como muitíssimo próximas, por exemplo, certas imagens captadas em Timor Leste, a muitos, muitos, milhares de km de distância!). Pode fazer parte da nossa consciência e, portanto, constituir-se elemento da nossa cultura aquilo que já está distante, seja no espaço, seja no tempo.

Ora a escola constitui-se sempre como um pólo de concentração espaço-temporal assente na divisão do trabalho entre professores, numa tentativa de impor uma receptividade máxima em certos períodos da vida (infância, adolescência) e, finalmente, na avaliação constante do rendimento desse trabalho. Esta educação e cultura adquiridas num espaço concentrado e num tempo determinado, contrasta com outra em que a aprendizagem, a aquisição de conhecimentos e a hierarquização de valores, não se ligam a nenhum espaço, nem tempo definidos. A esta alguns autores (Abraham Moles, p.ex.) chamam autodidaxia, dando ela origem a uma cultura chamada mosaica, isto é, de banda larga e pouco definida e pouco profunda. Esta resulta de um processo de aprendizagem muito lento, não dirigido a um fim específico, portanto algo indefinido.

Neste caso, se pode afirmar que se aprende vivendo. A esta escola da vida alguns chamaram escola sem paredes, universidade aberta, espacial. Aqui intervém fortemente a comunicação de massas, criando uma espécie de sensibilidade do senso comum, comportamentos padrões e comportamentos próprios. Neste aspecto, o impacto da televisão tornou-se decisivo. Esta autodidaxia situa-se nos antípodas de toda e qualquer instituição e bebe em múltiplas fontes dispersas o seu conteúdo. A comunicação de massas fornece-lhe, contudo, a maioria dos elementos chave. Por isso, não surpreende que a escola institucionalizada não a aprecie, não veja nela senão um concorrente que nivela por baixo, portanto desprezível.

Ao falarmos de cultura a que estamos concretamente a referir-nos? Sem pretensões muito eruditas e encarando-a no sentido mais amplo do termo, ela consiste nos meios que os homens foram criando para agir sobre o mundo. Dela fazem parte utensílios, máquinas, objectos artísticos e literários, mas também palavras, conceitos, técnicas mentais, formas de pensamento, enfim, aquilo que designaríamos por sa-

ber-fazer. Como diz um autor contemporâneo, (A Moles) cultura é o resíduo da experiência do passado gravado na memória, tanto do indivíduo, como da colectividade. Bibliotecas, museus, academias, institutos, agrupamentos de intervenção social, constituem manifestações dessa cultura.

Ora num mundo em que uma educação e uma cultura de base parece serem um direito de todos e de cada um, em que a democratização dos bens faz parte da consciência comum, que correlação existirá entre essa aspiração legítima de todos os cidadãos e as possibilidades de acesso a ela através dos meios de comunicação de massa, designadamente a imprensa, a rádio e a televisão? Não irá esta comunicação, sempre em alargamento de influência, arrancar à escola o seu monopólio educativo? A sensação que o cidadão comum pode ter é a de se encontrar constantemente em directo com fontes de saber, tão válidas como as que a escola tradicionalmente oferecia, independentemente da sua localização geográfica ou da sua actividade profissional.

Os jovens sentiram que podem penetrar num mundo que era considerado apanágio e reservado apenas a adultos e houve mesmo quem falasse de uma educação e cultura paralelas através dos media.

Hoje há uma tendência forte para não se falar nessa educação e cultura não formais e preferir analisar qual o uso que o indivíduo faz da comunicação que lhe é oferecida, em que medida se deixa (ou não) influenciar por ela, isto é, que capacidade ele exhibe de criticar, no imediato, o que ouve, o que lê, o que vê! Aqui também se poderia afirmar que o indivíduo vai criando uma cultura mosaica, isto é, heterogénea, caótica, efémera. Este indivíduo, constantemente bombardeado pela comunicação, que o rodeia, tem mais a sensação de que lhe impõem uma cultura do que ele a pode escolher ou controlar. Desse modo, se vão aceitando, cada vez mais inconscientemente, sistemas simbólicos comuns. Nesta "aldeia global" as diferenças, os particularismos de grupo, as especificidades, se vão, cada vez mais, diluindo e emergindo os esteriótipos. Alguém já pôde falar de uma certa standardização intelectual. Desse modo, um dos desafios maiores da cultura e da educação de hoje será o de ensinar ou preparar os jovens para utilizar de maneira adequada e positiva os imensos recursos oferecidos a todos pela comunicação, preservando a sua personalidade e as suas capacidades criativas. Como conseguir isto? Ensinando os jovens a descodificarem as linguagens e os conteúdos dos meios de comunicação. Escola, família e sociedade em geral, não podem ignorar o imenso potencial pedagógico e cultural que as novas fontes de informação colocam ao seu dispor: rádio, imprensa, cinema, televisão, informática são meios fantásticos de difusão e divulgação de cultura. Será criminoso não os aproveitar adequadamente. A comunicação de massas não pode ser encarada e, (menos ainda) acusada de destruir valores, de não obedecer a programas rigorosos e sequenciais, de não favorecer a abstracção, o raciocínio crítico, a descoberta individual, impondo ao indivíduo um ritmo desajustado e alienador. Também ela não pode ser acusada de se preocupar apenas com o efémero, o fugidio, o actual, preferindo realçar o sensacionalismo, a desordem, os contravalores, o acesso fácil aos prazeres e ao dinheiro. Mais uma vez, a antinomia entre escola e comunicação parece evidente a alguns autores para os quais à escola caberia a nobre função de pôr em ordem e de estabelecer a hierarquia entre a desordem e a anarquia que a comunicação quotidianamente debita perante cada indivíduo. Caberia aqui interrogarmo-nos: poderão ou não os meios de comunicação transmitir cultura de forma divertida, atraente, distractiva? A resposta só pode ser uma e afirmativa.

Por sua vez, a escola não pode continuar a apresentar-se como um lugar de constrangimento, de autoridade imposta, de sofrimento, pois ela também constitui uma "sociedade de comunicação" e é reconhecida como tal.

Em nossos dias, é corrente ouvir falar em indústrias de cultura, às quais não podemos eximir-nos. As culturas sempre se relacionaram umas com as outras e sempre procederam a trocas mútuas. Porém, uma situação muito diversa dessa osmose tradicional, lenta, ocorreu, desde que as sucessivas revoluções técnicas dotaram os países (sobretudo os mais desenvolvidos) de máquinas aptas a fabricarem produtos designados como culturais e meios de difusão de grande potência. Esses países podem e, efectivamente, conseguem atingir o mundo inteiro, em massa, com elementos da sua própria cultura e de outros. Assim, essa cultura aparece como uma (cultura), entre outras, embora "sui generis". Esta designação só surgiu por meados do século XX e visava alertar e prevenir os contemporâneos para a reprodução em série de certos bens culturais mais comuns, o que colocaria em perigo a criatividade, sobretudo artística. Cultura industrial seria sinónimo de "pastiche", de falso, de oco de valor. Com o decorrer do tempo, este conceito foi-se clarificando e

ganhando consensos, uma vez que imagens, sons, música, palavras, fazem parte de todas as culturas tradicionais e, portanto, o cinema, os discos, as cassetes, os livros, as revistas, produzidas pelas chamadas indústrias culturais, constituem, em si, repositórios de cultura. Elas associaram a si determinados tipos de suportes (como papel, o disco, a banda magnética, o filme, os satélites, os cabos) produzidos em série pela indústria. Ora esta mercantilizou a cultura, submeteu-as às leis da oferta e da procura, organizou-se como um trabalho qualquer, no qual o criador também é um trabalhador para certos segmentos de mercado. Assim sendo, o âmbito das chamadas indústrias culturais permanece em crescente expansão, incluindo, naturalmente, a televisão, a fotografia, o teatro, mas também os espectáculos, o turismo de massas, o desporto. Como os suportes materiais destas indústrias se têm alargado constantemente, é frequente ouvirmos falar de "novas tecnologias da comunicação", como as fibras ópticas, a informática, a digitalização.

A globalização dos mercados da cultura coloca-nos perante o problema da perdurabilidade das culturas tradicionais (ou étnicas), quase cilindradas pela voragem do mercado mundial de bens culturais e perante o perigo do modelo cultural único, quase imposto a partir dos Estados Unidos da América. Conseguiremos nós escapar à "coca-colonização, à mac-donaldização, à disneylandização do planeta? Isso tem preocupado os responsáveis pelo áudio-visual europeu, que tentam contrapor a essa vaga norte-americana uma política concertada de multimédia nos vários países da União Europeia. O aperfeiçoamento progressivo dos transportes e das comunicações vem provocando choques sucessivos, de grande impacto, desde, pelo menos, a época das grandes navegações atlânticas. Ora isso começou a misturar culturas e a proceder a uma progressiva integração e interacção mútuas. Foi com base nesse estado de espírito de compreensão e de aceitação de culturas diversas que se abriu o caminho às indústrias culturais. Ora como refere um autor francês contemporâneo, Jean-Paul Warnier: "a circulação de bens culturais à escala mundial é um facto de comunicação", continuando: "a globalização da cultura isola os produtos culturais do seu contexto, agrega-os por categorias, quantifica a sua produção e a sua distribuição à escala planetária". As suas implicações são ainda insuficientemente conhecidas, mas ninguém tem dúvidas sobre o papel decisivo da comunicação de ponta sobre a cultura. Ouçamos o economista, antropólogo, sociólogo francês Jacques Attali, ministro de Mitterrand. Ao referir-se à Internet e ao perigo de ela ser deixada para uso dos americanos, ele escreveu em 1997:

"No interior deste continente, vazio de habitantes reais, desenvolver-se-á um gigantesco comércio entre os agentes virtuais de uma economia de mercado pura e perfeita, sem intermediário, sem imposto, sem partidos políticos, sem encargos sociais, sem sindicatos, sem greves, sem mínimos sociais. A internet torna-se, hoje, no imaginário do mundo, o que era a América para os europeus de 1492: um lugar isento das nossas carências, um espaço livre das nossas heranças, um paraíso do livre comércio, em que se poderá, enfim, construir um novo homem, limpo, liberto daquilo que o suja e o limita, um consumidor sem paladar e um trabalhador infatigável... Cabe-nos a nós aproveitar esta oportunidade e transformarmos uma utopia virtual numa realidade conquistadora. A Europa joga aí a sua sobrevivência".

Apesar disso, não podemos falar de globalização da cultura, mas tão só de globalização de mercados dos chamados bens culturais. Cultura e indústrias de cultura não são sinónimos, sendo a primeira o todo, as segundas apenas uma parte desse todo. Daí o uso, que parece abusivo, de identificar a abundância de produções culturais com a noção de cultura, veiculada pelas novas tecnologias dos media. Serão, de facto, cultura aquilo que se chama cultura rap, cultura gay, cultura futebolística, cultura de terceira idade, cultura automobilística, cultura jazzística e outras idênticas? Obviamente não, uma vez que lhes faltam as condições de identificação colectiva, de guias de comportamentos típicos, que são a marca essencial de qualquer cultura. Portanto, aqui fica um alerta para o uso e abuso indiscriminado da utilização do conceito e do termo cultura, associado ao de comunicação, assente nas tecnologias de ponta. É preciso estar atento, exercendo sobre eles um olhar crítico. E esse papel cabe às famílias, à comunidade, às escolas, sobretudo às de formação humanística superior, como é o caso das Faculdades de Letras.

Uma palavra, final, para o impacto da comunicação, através das novas tecnologias, no que se refere à cultura concentrada, isto é, ao lugar das tradicionais bibliotecas. Estas foram e estão a ser varridas por uma onda de espantosas transformações, alterando-se os velhos paradigmas e crian-

do-se necessidades novas e sempre mais exigentes. Nesta transição, a informação está cada vez menos ligada ao objecto físico que a suporta. O papel do bibliotecário era o de alguém sedentarizado num lugar (a biblioteca), trabalhando sobre determinados produtos (os livros, as revistas). Os seus clientes eram aqueles que frequentavam certos espaços físicos adequados (as bibliotecas) para obterem a desejada informação. Cada vez menos esses procedimentos se tornam indispensáveis. Começa a viver-se cada vez mais naquilo a que um autor chamou as "bibliotecas sem paredes para livros sem páginas". Aqui a comunicação está a obrigar a redefinir funções, espaços, saberes, comportamentos. Trata-se de uma revolução sem precedentes nos últimos séculos. Na verdade, as chamadas "tecnologias da inteligência" tornaram pouco importante o lugar onde se encontra o documento. O que mais interessa saber é a fiabilidade e importância desse documento. As bibliotecas virtuais apontam para a possibilidade de informação sem posse física dos seus instrumentos. Aqui o chamado princípio da proxémica deixa de actuar, como também o de tempo. A construção das bibliotecas virtuais, a sua optimização e o seu manuseio são cada vez mais função de técnicos de comunicações tecnológicas de ponta. Assim, funções como as de autor/editor/distribuidor foram e serão profundamente afectadas. Eis algumas razões pelas quais o impresso começou a ceder, face aos audio-visuais. O livro, contudo, como meio de comunicação e de transmissão/aquisição de cultura continua a ser indispensável, embora talvez se tenda para novos formatos e novos paradigmas. As novas tecnologias de comunicação não parecem, pois, fazer adivinhar a morte do livro, mas apenas mais uma etapa da sua longa história. Como se vê, mais uma vez, comunicação e cultura estão condenados a marchar solidariamente desde o início deste terceiro milénio...

Bibliografia específica

- Comunicação e Sociabilidade nas Culturas Contemporâneas*, org. de António Albino Canelas Rubin, Ione Maria Ghislene Bentz, Milton José Pinto, Vozes Editora, Petrópolis, 1999. -
Mundialização da Cultura (A), Jean-Pierre Warnier. Edusc. Bauru, S. Paulo, 2000. -*Reinventando @ Cultura, a comunicação e os seus produtos*, Editora Vozes, Petrópolis, 1999.